

ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NA EJA: VIVÊNCIAS NO PROJETO DE EXTENSÃO “RECOMEÇO”

Maria Lucia Lima
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
mplimalima@gmail.com

Christiane Louvera
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
chrislouvera@gmail.com

Andréa Thees
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
andreathees@gmail.com

Resumo:

O presente relato tem como objetivo apresentar algumas atividades de matemática realizadas com os participantes do Projeto de Extensão Práticas de Leitura e Escrita – Grupo Cultural para Jovens e Adultos, que são funcionários terceirizados da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio. O projeto foi desenvolvido pela Escola de Educação em parceria com a Fábrica de Cuidados da Escola de Nutrição, ambas da mesma instituição. Assumindo como referencial teórico o método de alfabetização para Jovens e Adultos utilizado por Paulo Freire, o projeto teve como objetivo principal a alfabetização e o letramento dos participantes através do diálogo e da troca de experiências. A metodologia da pesquisa foi escolhida de forma a possibilitar o desenvolvimento de práticas pedagógicas que colaborem com esse objetivo. Os resultados registrados têm demonstrado aos sujeitos envolvidos a importância desta iniciativa para a superação da condição de excluídos e o reconhecimento de sua cidadania plena.

Palavras-chave: alfabetização e letramento; EJA; educação matemática.

1. Introdução

De acordo com relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, o Brasil é o oitavo colocado em analfabetismo mundial¹, entre cento e cinquenta países.

Em conformidade com os dados divulgados no último Censo do IBGE realizado em 2012 e apresentado em 2013, 8,7% da população brasileira acima de quinze anos de idade é analfabeta, totalizando um quantitativo de 13,2 milhões de analfabetos em nosso país. Ainda segundo o censo do IBGE a taxa de analfabetismo funcional decresceu em relação ao censo de 2011, passando de 20,4% para 18,3% da população com idade superior a quinze anos que

¹ Matéria jornalística publicada em 29/01/2014, no Portal de Notícias G1-Educação. Disponível em: <<http://glo.bo/1b3L5vb>>. Acesso em: 30 ago 2015.

possui menos de quatro anos de estudo. Apesar da queda, esse percentual significa um total alarmante de 27,8 milhões de brasileiros analfabetos funcionais². Em uma sociedade letrada onde o domínio da escrita é considerado elemento de status e poder, os sujeitos que não possuem esse domínio vivem à margem dessa sociedade.

Desta maneira, a permanência dos setores mais marginalizados e penalizados da sociedade é diretamente afetada pela manutenção da desigualdade social, que se perpetua de geração em geração. Cada jovem e adulto, que não conseguiu fazer seu percurso nessa lógica seletiva e rígida, naufragou e é vítima do caráter pouco público de nosso sistema escolar. Arroyo (2007, p. 48) reforça corretamente a questão ao afirmar que “um espaço será público quando adaptado às condições de vida em que um povo pode exercer seus direitos”.

Atualmente, tem-se presenciado a articulação informal de entidades públicas e não governamentais, assim como educadores em geral, em defesa do direito de jovens e adultos a uma educação de qualidade em todos os níveis de ensino. Estas ações desdobram-se em princípios e modos que estão sendo incorporados às atividades de educação de jovens e adultos, contribuindo para sua maior democratização. O debate sobre este assunto vem ocupando cada vez mais lugar de destaque em universidades, grupos de pesquisas, congressos e seminários. Este pode ser um indício promissor para a reconfiguração da EJA: as universidades em suas funções de ensino, pesquisas e extensão se voltam para a educação de jovens e adultos (ARROYO, 2007).

O Projeto de Extensão Práticas de Leitura e Escrita – Grupo Cultural para Jovens e Adultos pode ser um exemplo desta articulação popular em espaços públicos, no caso, em uma universidade federal. Diante dos altos índices de analfabetismo no Brasil, surgiu o interesse em realizar um trabalho diferenciado que contribuísse para mudar, mesmo que em pequena escala, esse panorama. A parceria entre a Escola de Educação e a Fábrica de Cuidados da escola de Nutrição da Unirio, contou com a participação de professores, bolsistas e voluntários da universidade e oportunizou a entrada, no dito mundo letrado, aos funcionários do setor de manutenção. São companheiros cotidianos e invisíveis da universidade, que trabalham no regime terceirizado de prestação de serviços.

No âmbito da educação de jovens e adultos, mesmo em contextos não-formais, as

² Matéria jornalística publicada em 27/09/2013, no Portal UOL Educação. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/09/27/analfabetismo-volta-a-crescer-no-brasil-apos-mais-de-15-anos-de-queda.htm>>. Acesso em: 31 mar 2016.

experiências pedagógicas devem “preparar o indivíduo para que ele seja um cidadão pleno e crítico em relação ao mundo que o cerca” (THEES, 2015, p. 9). Devem, portanto, garantir a compreensão e aplicação de conceitos, bem como a representação de fenômenos de forma que sejam desenvolvidas habilidades relacionadas à representação, compreensão, comunicação, investigação e, também, contextualização sociocultural.

A educação, como uma chave indispensável para o exercício da cidadania na sociedade contemporânea, vai se impondo cada vez mais nestes tempos de grandes mudanças e inovações nos processos produtivos. “Ela possibilita ao indivíduo jovem e adulto retomar seu potencial, desenvolver suas habilidades, confirmar competências adquiridas na educação extraescolar e na própria vida, possibilitar um nível técnico e profissional mais qualificado”. (BRASIL, 2000, p.10)

Dentro destas premissas, o Projeto de Extensão Prática de Leitura e Escrita – Grupo Cultural Para Jovens e Adultos, tem como objetivos principais: a) organizar grupo de jovens e adultos interessados em participar do projeto para o desenvolvimento da leitura e escrita, divulgando na própria comunidade da Unirio e no entorno; b) convidar professores da própria universidade para, em colaboração com o projeto, discutirem com o grupo temas de interesse coletivo; c) participar com os integrantes do grupo de atividades culturais oferecidas pelos demais cursos da Unirio como os cursos de Teatro, Música, Educação, Letras, entre outros, e também atividades externas, ampliando o repertório do grupo; d) garantir que o grupo desenvolva proficiência na leitura e na escrita, preparando-os, se for o caso, para provas nacionais que os certifique; e) alfabetizar jovens e adultos.

2. Metodologia de trabalho

Vislumbrando um trabalho focado no desenvolvimento do tripé de proficiência em leitura, escrita e oralidade, as coordenadoras do projeto de extensão perceberam a importância de delegar a elaboração do planejamento às bolsistas, que são autora e primeira coautora deste texto. Ambas frequentaram a Educação de Jovens e Adultos como alunas, o que intensificou a vontade de atuarem como bolsistas em um projeto com pessoas jovens e adultas. Além disso, uma das bolsistas decidiu escrever sua monografia sobre a experiência adquirida no projeto e, seguindo a metodologia da pesquisa, investigou a própria prática. Na pesquisa, existe a possibilidade de que o pesquisador intervenha, analise os problemas e mobilize os participantes na construção de novos saberes, não se limitando a apenas uma forma de ação.

Segundo Tripp (2001, p. 443), pesquisação “é toda a tentativa continuada, sistemática e empiricamente fundamentada de aprimorar a prática”. Para Freire (1987), a pesquisação possibilita o desvelamento do mundo da opressão, possibilitando a consciência modificadora. Já Thiollent (2011) define pesquisação como a “pesquisa centrada numa situação ou problema coletivo no qual os participantes estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. Em nossa interpretação, as três definições se complementam e se fundamentam em *uma tentativa continuada de modificação da consciência dos envolvidos de modo cooperativo e participativo*. Influenciadas pela relação pessoal com a EJA e pela metodologia da pesquisação, o trabalho desenvolvido pelas duas bolsistas de extensão buscou manter a flexibilidade do planejamento permitindo modificá-lo, seja convidando outros professores, seja fazendo adaptações nas próprias aulas, de acordo com as necessidades e interesses dos sujeitos participantes do projeto.

Partimos da concepção Freireana de alfabetização que valoriza os saberes dos estudantes e compreende a leitura e a escrita como uma prática de cidadania. Assim buscamos oferecer um espaço de encontro e trocas entre os participantes do projeto, tendo como lema a palavra de Paulo Freire nos dizendo que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2011, p.24). Embora não tenha sido um projeto específico sobre cidadania, este foi o tema norteador do trabalho realizado com estas turmas de educação de jovens e adultos.

3. Desafios e vivências no desenvolvimento do projeto

O projeto iniciou-se em março de 2015, após o período de inscrições e entrevistas, com uma aula inaugural que objetivava apresentar os participantes aos demais envolvidos no projeto, ou seja, coordenadores, bolsistas e colaboradores.



Aula inaugural na cobertura do Prédio da Escola de Enfermagem da Unirio. Autoria: arquivo pessoal.

Dos vinte inscritos, sete eram homens com idades que variavam de vinte sete a cinquenta e nove anos e treze eram mulheres com idades entre vinte e oito e sessenta e cinco anos, todos são trabalhadores terceirizados, auxiliares de serviços gerais, trabalhando na manutenção e limpeza dos espaços da Unirio. Desse total, seis eram totalmente analfabetos e os demais eram analfabetos funcionais, que liam pouco e não conseguiam interpretar suas leituras.

Na aula seguinte também foi realizada uma dinâmica de integração e na terceira aula, que chamamos de “A importância do nomear”, simulamos uma eleição para escolha de um nome que representasse o projeto. A turma foi dividida em dois grupos e pedimos para que fosse escolhido um nome significativo para o grupo. Após esta etapa, a escolha deveria ser justificada e o porquê desse nome merecer vencer, seria defendido pelo grupo. Depois, haveria uma votação para decidir qual nome seria escolhido pela maioria.



Votação para a escolha do nome do grupo. Autoria: arquivo pessoal.

Foram sugeridos os nomes Recomeço e Projeto Estudantil. A representante do primeiro grupo defendeu a escolha do nome Recomeço dizendo que “*nós escolhemos Recomeço porque estamos gratos por esta oportunidade que vocês estão nos dando de recomeçar ou começar nossos estudos. Vocês não sabem como este recomeço é importante para nós*”. O representante do segundo grupo não conseguiu defender o nome escolhido, Programa Estudantil, e talvez por isso, Recomeço tenha sido o nome mais votado e, conseqüentemente, o vencedor.

Contudo, combinamos previamente colocar uns votos a mais na urna, com a intenção de trabalhar a contagem e avaliar a percepção de quantidade dos alunos. Terminada a votação,

iniciou-se o registro dos votos, que foram sendo anotados um a um no quadro. Após a contagem, o Recomeço ganhou com ampla vantagem. Porém, nenhum dos membros dos grupos percebeu que havia três votos a mais. Mesmo indagando se não teria nada errado nessa votação, todos afirmaram que não. Então, perguntamos quantos eram os eleitores na sala e foi só assim que perceberam a “fraude eleitoral”. Aproveitamos para explicar a importância de estar atento às questões eleitorais e o porquê dos partidos colocarem fiscais nos locais onde ocorrem as eleições. Com esta atividade, percebemos que muitas vezes, apesar de saberem a ordem dos números para realizar uma contagem, a mesma não possui significado quantitativo e que seria muito importante apresentar os conteúdos matemáticos aplicados ao cotidiano e carregados de significado.



Roda de conversa com um professor convidado. Autoria: arquivo pessoal.

Em outro momento, o grupo sugeriu a inclusão da história política do Brasil nas aulas. Dentro desta temática, foram planejadas atividades como roda de conversas sobre a chegada dos portugueses ao Brasil, a leitura de textos com debates abrangendo outras questões referentes ao assunto como a extração do pau-brasil, o ciclo do ouro, o ciclo da cana-de-açúcar, que oportunizaram a ampliação da aprendizagem do grupo. Cabe destacar aqui o encontro que priorizou a interdisciplinaridade com a matemática, no qual foi introduzida a noção de escambo comparando-a com a atual forma de comercialização de produtos. Durante o desenvolvimento da aula, foi sugerido que os objetos trazidos pelos alunos fossem valorados para serem trocados. No decorrer desta atividade, as operações básicas de adição e subtração foram revistas e, na maioria das vezes, os impasses eram resolvidos através do cálculo mental. Esta aula contou com a participação da estudante Juliane Farias, que recebia a Bolsa de Incentivo Acadêmico da Unirio em 2015. O interesse no projeto a fez prosseguir, em 2016, como bolsista de extensão, passando a incorporar a equipe principal do Projeto

Recomeço. São iniciativas como esta que permitem ao estudante da graduação ampliar seu campo de atuação para além da sala de aula, seja participando de projetos de extensão, atividades complementares ou ainda projetos de pesquisa e de ensino.

Em continuidade a esta proposta, decidimos trabalhar a origem e os usos do dinheiro utilizando alguns encartes de supermercado. Nesta etapa, foi possível aprofundar alguns conceitos de matemática sempre focando no respeito aos saberes adquiridos pelas necessidades impostas diariamente no cotidiano. Conforme as discussões avançavam, os alunos se sentiam mais seguros e foi possível realizar atividades como listar os produtos consumidos em um mês, utilizar a operação de multiplicação para valorar as despesas mensais e anuais. Surgiram várias indagações sobre estimativa de gastos de uma família, valor do salário mínimo brasileiro e reposição salarial, receitas x despesas, reajuste de preços, descontos e impostos.

Na maioria das vezes, as problematizações eram utilizadas para abordar conceitos matemáticos que foram sendo trabalhados de forma contextualizada. Assim, acreditamos que

Se a educação não é fazedora da cidadania, a alfabetização, e, sobretudo uma certa forma de trabalhar a alfabetização, pode constituir-se num fator, numa espécie de empurrão necessário na busca da cidadania. É preciso ficar claro que o fato de ler hoje o que não lia ontem, em termos de palavras, não significa que ninguém virou cidadã. (FREIRE, 1990, p. 132).

Nestas práticas, os alunos não apenas puderam vivenciar valores numéricos, mas também dar significado a estes valores. Segundo Thees (2015, p. 209), a educação matemática deve estar associada à compreensão do cotidiano, principalmente para aquelas pessoas jovens e adultas cujo acesso à educação básica lhes foi negado na idade adequada.

Foram experiências de grande aprendizado para todos os envolvidos que, acima de tudo representaram um compromisso de vida, uma oportunidade, um caminho para o desenvolvimento dos alunos, principalmente, para os idosos. Estes têm muito a ensinar para as novas gerações e podem atualizar conhecimentos, mostrar habilidades, trocar e ter acesso a novas experiências, como aconteceu com a atividade em que foi discutido o processo eleitoral e as consequências da falta de conhecimento matemático para a cidadania plena.

4. Desafios e conquistas

Nossas experiências não foram estabelecidas apenas ao superar os desafios, mas através das conquistas que se apresentaram no retorno do trabalho desenvolvido, ouvindo as

falas dos alunos, reafirmando e percebendo a aprendizagem alcançada. Dos seis alunos que eram analfabetos ao iniciaram no projeto, cinco estavam lendo, escrevendo e interpretando suas leituras e, apenas uma ainda estava em fase de alfabetização. Os que já liam e escreviam, ampliaram suas leituras e escritas. Dois alunos fizeram as provas do Enceja³, para obter certificação oficial, e obtiveram êxito.

O anseio de progredir socialmente motivou a maioria dos funcionários terceirizados a inscrever-se no projeto em busca de uma certificação escolar. Infelizmente, não foi possível concretizar este sonho, visto que o trabalho proposto dentro de um projeto de extensão universitária não abarca a emissão de certificados oficiais. Diante desse fato, foi preciso saber como lidar com um percentual de 40% de evasão, sem deixar a insegurança e o receio de não saber transpor as lacunas da formação inicial, sobreporem à intenção de prosseguir. Foi preciso rever nossa concepção de Educação de Jovens e Adultos para nos assegurarmos de que estávamos no caminho certo.

Para um verdadeiro movimento em prol da sua formação, os professores necessitam ter “a consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado” (FREIRE, 2011, p. 57). Em outras palavras, a contínua ação de busca é consequência da certeza de inconclusão. Seria uma contradição se, sabendo-se inacabado, o ser humano não participasse de tal movimento. Concordar com Freire neste ponto significa aceitar que “é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente” (2011, p. 58). Entendida como uma prática profissional de caráter ininterrupto, a formação inicial e continuada do professor, fundamenta-se na ideia freiriana de que é aprendendo que percebemos ser possível ensinar. Se nossa proposta é sermos professoras críticas, então devemos aceitar os imprevistos e estar predispostas às mudanças.

Nossos alunos compartilharam histórias de vida marcantes, verdadeiros exemplos de superação de limites. Ao vê-los progredindo, tivemos a certeza do processo de resgate da autoestima e da confiança na capacidade de aprender em que se envolveram. Ao vê-los assumindo uma postura de pertencimento ao lugar onde antes se sentiam invisíveis aos olhos da maioria, tivemos a certeza da conquista da cidadania que lhes é diariamente negada dentro dos próprios espaços em que transitam para fazer a limpeza na Unirio.

³ O Enceja é realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Trata-se de um exame para “aferição de competências, habilidades e saberes adquiridos no processo escolar ou nos processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais, entre outros”. Mais informações estão disponíveis em: <<http://enceja.inep.gov.br/>>. Acesso em: 3 dez 2015.

Lamentamos por aqueles que ficaram pelo caminho, mas decidimos manter nosso foco nos que ficaram, pois acreditamos na prática que produz a mudança possível. Mesmo sabendo que 40% de evasão é um número considerável, desafiamos-nos por meio da reflexão crítica à nossa prática pedagógica, procurando aprimorar cada vez mais nossa atuação na sociedade.

5. Considerações Finais

Ao compartilhar esse relato de experiência, temos a convicção de que aprendemos muito mais do que ensinamos no Projeto de Extensão Práticas de Leitura e Escrita – Grupo Cultural para Jovens e Adultos, pois o conhecimento que os alunos trouxeram se originou nas estratégias desenvolvidas para sobrevivência em uma sociedade invariavelmente excludente.

Acreditamos que, apesar da teoria estudada em diversas disciplinas dos cursos de Licenciatura em Pedagogia das universidades e nos cursos voltados à formação de professores para lecionar na Educação de Jovens e Adultos, não contemplar a realidade vivenciada na prática docente, ela constitui uma base necessária para a práxis pedagógica. Diante das particularidades e expectativas desta experiência prática de formação, surgiram interações e trocas entre os sujeitos envolvidos no processo de ensinoaprendizagem.

Reconhecemos a relevância de um projeto de extensão como este que viabilizou aos estudantes bolsistas envolvidos muito mais que avaliações ou confrontos de teorias, mas uma vivência legítima e significativa da prática docente. Em especial na EJA, a experiência vivida pelo alfabetizando precisa ser resgatada e recriada, ao mesmo tempo em que se pratica uma alfabetização crítica e libertadora, no sentido de instrumentalizar as classes oprimidas a se apropriarem da sua condição através de uma construção do conhecimento coletiva e capaz de promover transformações em seu contexto social.

Assim, acreditamos em uma proposta que tem na linguagem utilizada pelo educando em instrumento de comunicação com o qual pode expressar-se e dizer “*nós só temos que agradecer a vocês, porque antes a gente não sabia nem falar e hoje a gente já sabe se colocar*”.

6. Referências

ARROYO, M. G. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e responsabilidade pública. In: SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A.; GOMES, N. L. (orgs). *Diálogos na*

Educação de Jovens e Adultos. 2 ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007. 296 p. cap. 1, p. 19-50.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CEB 11/2000, de 7 de junho de 2000a. Diretrizes curriculares nacionais para Educação de Jovens e Adultos. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 9 jun. 2000. Seção 1e, p.15. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf>. Acesso em: 27 nov 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 148 p.

FREIRE, P.; MACEDO, D. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. 3 ed. Rio de Janeiro, RJ. Paz e Terra, 1990. 272 p.

THEES, A. *Práticas profissionais de professores de matemática da EJA*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Unirio. 2015. 223 p.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa*. São Paulo: Cortez, 2003. 136 p.

TRIPP, Davis. Pesquisa: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set/dez, 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf> >. Acesso em: 03 dez 2015.